



**CURSO DE MEDICINA**

**CAMILA SANTOS FERREIRA**

**EXTENSÃO POPULAR EM SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES PARA AMPLIAÇÃO DE  
COMPETÊNCIAS NA FORMAÇÃO MÉDICA TRADICIONAL**

**SALVADOR - BA**

**2023**

**CAMILA SANTOS FERREIRA**

**EXTENSÃO POPULAR EM SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES PARA AMPLIAÇÃO DE  
COMPETÊNCIAS NA FORMAÇÃO MÉDICA TRADICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Medicina da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito parcial para aprovação no 4º ano de Medicina.

**Orientador:** Thiago Santos de Souza

**Co-orientadora:** Karine de Souza Oliveira Santana

**SALVADOR**

**2023**

“Tudo que bate é tambor. Todo tambor vem de lá  
Se o coração é o senhor, tudo é África  
Pois em prática, essa tática, matemática falou  
Enquanto a terra não for livre, eu também não sou  
Enquanto essa história de quem tá por vir, eu vou  
tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós  
Tudo, tudo, tudo que nós tem é  
Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”

Emicida

## RESUMO

A extensão universitária como ato político e social compõe o tripé da Universidade. Seu objeto imagem é um processo formativo interdisciplinar, cultural, científico e político que promova uma interação dialógica, reflexiva e transformadora entre a Universidade e outros setores sociais. No campo da saúde, especificamente na graduação em Medicina, a extensão universitária toma contornos de extrema relevância, uma vez que se faz imperioso a formação de médicos e médicas críticos e comprometidos com as demandas sociais e sanitárias da população. Diante disso, esse estudo se propôs a analisar a percepção das/os extensionistas de Medicina sobre suas vivências no Programa Bahiana em Defesa da Vida (PBDV) O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, com o CAAE 66826723.0.0000.5544. O caminho metodológico adotado foi a sistematização das experiências de estudantes de medicina na extensão popular, por meio de entrevistas individuais semiestruturadas. Os resultados são apresentados em categorias e que revelam um traço comum: a compreensão do quão relevante foi a participação em uma extensão universitária, de caráter popular, dialógica e que se propõe ir na contramão da formação tradicional em medicina. Além de apontarem a ampliação do sentido de cuidado em saúde, impulsionando a uma atuação mais crítica, reflexiva e que valorize e respeite o contexto histórico, social e cultural dos usuários dos serviços de saúde. Percebe-se, pois, a potencialidade da extensão popular como espaço propulsor para uma formação médica mais humanizada, empática e comprometida com as necessidades da população e que, sobretudo, privilegie o lugar da escuta e da singularidade de cada indivíduo.

Palavras-chave: Extensão popular. Formação. Medicina. Universidade. Saúde

## ABSTRACT

University extension as a political and social act is part of the University's tripod. Its image is an interdisciplinary, cultural, scientific, and political training process that promotes dialogic, reflective, and transformative interaction between the university and other social sectors. In the field of health, specifically undergraduate medicine, university extension is extremely important, since it is imperative to train doctors who are critical and committed to the social and health demands of the population. In view of this, this study set out to analyze the perception of medical extension workers about their experiences in the Bahiana Program in Defense of Life (PBDV). The work was approved by the Research Ethics Committee of the Bahiana School of Medicine and Public Health, under CAAE 66826723.0.0000.5544. The methodological approach adopted was to systematize the experiences of medical students in popular outreach, through individual semi-structured interviews. The results are presented in categories and reveal a common trait: the understanding of how relevant it was to take part in a university extension program, which is popular, dialogical and proposes to go against the grain of traditional medical training. They also point to a broadening of the meaning of health care, leading to more critical, reflective action that values and respects the historical, social, and cultural context of health service users. We can therefore see the potential of popular outreach as a driving force for more humanized, empathetic medical training that is committed to the needs of the population and, above all, privileges the place of listening and the uniqueness of everyone.

Keywords: Popular extension. Education. Medicine. University. Health

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2 OBJETIVO .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Geral.....</b>	<b>8</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>9</b>
<b>3.1 Extensão Universitária: trajetória histórica e marcos legais.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2 Ações extensionistas em comunidades quilombolas .....</b>	<b>10</b>
<b>3.3 Formação médica tradicional e desafios para novos caminhos.....</b>	<b>11</b>
<b>4. MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>13</b>
<b>4.1 Desenho do Estudo.....</b>	<b>13</b>
<b>4.2 Local e período do estudo .....</b>	<b>13</b>
<b>4.3 População e amostra do estudo.....</b>	<b>13</b>
<b>4.4 Coleta de dados .....</b>	<b>13</b>
<b>4.5 Análise dos dados.....</b>	<b>14</b>
<b>4.6 Aspectos éticos .....</b>	<b>14</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A extensão é apontada como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”<sup>1</sup>. Seu objeto imagem é uma formação interdisciplinar, trans profissional, com variados objetivos e públicos e distintos locais de realização<sup>2,3</sup>. Configura-se como uma potente prática acadêmica, que rompe com a lógica estritamente tecnicista, acessando outras formas de aprendizado<sup>4</sup> visto que, suas ações possibilitam uma intercomunicação entre saber técnico e popular, além de promover uma formação mais dialógica, humana, reflexiva e alinhada as demandas sociais<sup>5,6</sup>.

Especificamente, no campo da saúde, no que se refere a graduação em Medicina, a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, toma contornos extremamente relevantes, uma vez que se faz imperioso a formação de trabalhadores críticos, reflexivos e comprometidos com o mundo e com as pessoas<sup>7</sup>, sendo capazes de responder as “demandas sanitárias e sociais das populações”<sup>2</sup>.

É imprescindível que as atividades extrapolem os campos tradicionais da prática médica<sup>5,7</sup>, sejam realizadas nos extramuros da universidade, de preferência em comunidades em situação de vulnerabilidade social<sup>2,6,8</sup>, uma vez que haverá necessidade de adaptação do comportamento verbal e não verbal desses profissionais<sup>8</sup>. Somado a isso, as ações de educação em saúde<sup>3</sup> devem romper com a transmissão dos conhecimentos e avançar para um intercâmbio vivo, respeitoso e ético entre as pessoas.

Na esteira desses desafios, as universidades têm repensado a matriz curricular do curso de Medicina<sup>9,10</sup>, adotado novas metodologias de ensino aprendizagem<sup>10</sup>, e ampliado a oferta de projetos e programas de extensão à comunidade estudantil. A Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), alinhada a seu compromisso social e as Diretrizes Curriculares Nacionais tem ofertado programas de extensão na linha popular dentre eles, destaca-se o Programa Bahiana em Defesa da vida (PBDV).

O PBDV, criado em 2019, é pautado na interprofissionalidade e visa possibilitar uma prática extensionista que viabilize uma formação crítica e propositiva na luta em defesa pelo direito humano à saúde e a vida, além de suscitar que a produção do conhecimento é processual e deve contribuir para a superação das desigualdades em prol de uma

sociedade mais justa, ética e democrática<sup>11</sup>. As ações desse programa são desenvolvidas em parceria com o Quilombo Rio dos Macacos, situado no município de Simões Filho/BA, cuja população enfrenta extrema situação de vulnerabilidade social<sup>12</sup>.

As atividades do PBDV buscam operar através da pedagogia libertadora de Paulo Freire, que cria novas relações humanas, vivências coletivas, troca de saberes e interação dialógica, contribuindo para um profissional tecnicamente competente<sup>7</sup> e socialmente comprometido<sup>3</sup>. À luz da Educação Popular em Saúde (EPS) e da práxis<sup>2,3</sup>, o programa tem buscado problematizar a realidade, mobilizar quilombolas e a comunidade acadêmica, colaborar com o processo de empoderamento e construir espaços que valorizem a luta pela efetivação de direitos.

Diante dos esforços empreendidos pela Escola Bahiana na indução de uma formação crítica e humanitária, presentes no Projeto Político Pedagógico, é preciso analisar a contribuição da extensão na reformulação do processo ensino aprendizagem, assim como a perspectiva e a trajetória de ex-extensionistas, do PBDV do curso de Medicina, a fim de verificar se as atividades de cunho popular possibilitaram transformações na caminhada acadêmica destes/as discentes.

Tal estudo se justifica pela necessidade de fortalecimento das atividades extensionistas, pois, apesar de respaldada legalmente, ainda é subvalorizada nos currículos, sendo preterida quando comparada ao ensino e a pesquisa. Diante disso, torna-se imprescindível repensar os cenários de formação, a fim de fortalecer as práticas extensionistas, com um recorte para o curso de Medicina, uma vez que este ainda tem uma base curricular centrada no modelo biomédico, que se distancia das demandas sociais atreladas à saúde e, conseqüentemente, do seu compromisso e responsabilidade social.



## **2 OBJETIVO**

### **2.1 Geral**

Analisar a percepção das/os extensionistas de Medicina sobre suas vivências no Programa Bahiana em Defesa da Vida.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Extensão Universitária: trajetória histórica e marcos legais

As primeiras referências sobre práticas extensionistas remontam ao início do século XX, com ações realizadas pela Universidade de São Paulo e pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa. Segundo documentos oficiais, essas atividades foram influenciadas por movimentos na Inglaterra e nos Estados Unidos<sup>1,4</sup>.

Em meados do século XX ocorreram algumas iniciativas na tentativa de institucionalizar a extensão universitária, com o intuito de torná-la parte do processo formativo do ensino superior. Uma delas foi a Promulgação da Lei Básica da Reforma Universitária – Lei 5.540/68 – a qual instituía a extensão como parte das atividades desenvolvidas pelas universidades e que “proporcionarão aos corpos discentes oportunidades de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral do desenvolvimento<sup>13</sup>” .

Mesmo após a lei, as ações ainda eram incipientes, pouco efetivas e com forte caráter assistencialista, que se limitava a resoluções imediatistas dos problemas enfrentados pela população brasileira<sup>14</sup>. Tal cenário começa a ser modificado com a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão Universitária, em 1987, o qual assume a responsabilidade na discussão sobre a centralidade das ações extensionistas na formação superior<sup>1,4</sup>. No fervor do processo de redemocratização do Brasil, a Constituição Federal de 1988, garante a autonomia universitária e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão<sup>13</sup>, dando a essa última visibilidade e importância.

A partir desse marco legal a extensão passa a ser considerada um dos pilares da universidade e começa a fazer parte dos documentos oficiais que regulam e direcionam o ensino superior. Nesse sentido, as universidades passam a ter “o compromisso na superação da complexidade, da paralisia e distanciamento entre teoria e prática e da ideia do voluntariado ingênuo”<sup>1</sup>, o qual destitui de reflexão e criticidade a intervenção nas demandas sociais, caracterizando ações de cunho assistencialistas e de “ajuda as comunidades carentes”<sup>13</sup>.

O Plano Nacional de Educação, 2014-2024, reforça a importância das atividades extensionistas na formação, ao assegurar “no mínimo, 10% do total de créditos

curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária”<sup>15</sup>. Infere-se assim, que os projetos de extensão ajudam a aprimorar o conhecimento adquirido ao longo da graduação, com aperfeiçoamento da aprendizagem acadêmica e melhora da autoconfiança.

Na esteira desses movimentos, a extensão torna-se de grande relevância, uma vez que permite o diálogo entre o saber científico, produzido na academia e o saber popular, nascido no senso comum<sup>9,13</sup>. Revela ainda uma nova forma de pensar e fazer<sup>25</sup>, que se materializa na intervenção da realidade, rompendo com ações assistencialistas às comunidades em prol de uma articulação mais ativa, participativa e construtora de novas formas de organização, cidadania e garantia de direitos<sup>3,6,13</sup>.

### **3.2 Ações extensionistas em comunidades quilombolas**

No que concerne a discussão sobre responsabilidade social universitária, faz-se necessário refletir sobre os espaços que serão desenvolvidas as ações extensionistas. Em um país com tamanha desigualdade social e ausência de um Estado que garanta de fato o acesso à direitos básicos, como educação, saúde, alimentação, moradia, emprego e lazer há uma crescente vulnerabilidade social<sup>16,17</sup>. Ao se fazer um recorte das comunidades que se encontram nessa situação, temos as quilombolas, que são historicamente invisíveis aos olhos e ações do poder público<sup>6</sup>.

Nessa perspectiva, os quilombos, que são, “agrupamentos de descendentes de indivíduos escravizados e que, no processo de resistência e luta contra a escravidão, originaram grupos sociais que, ainda na contemporaneidade, ocupam um território comum e compartilham características culturais”<sup>18</sup>, convivem com uma realidade de segregação e limitação do acesso à serviços e políticas públicas, o que reflete no contexto de vida, moradia, saúde, lazer e acesso à direitos<sup>17</sup>.

Tendo em vista a concepção da educação como um campo de liberdade popular<sup>3,9</sup>, sendo um dos compromissos da academia a interligação do meio científico com o saber comum<sup>9,13</sup>, além do compromisso e responsabilidade social da universidade, considera-se as atividades extensionistas em educação e saúde, nas comunidades em situação de vulnerabilidade, como uma forma de criar estratégias para a melhoria da qualidade de vida e autonomia coletiva<sup>6,8</sup>.

A melhor maneira da intervenção social atuar para uma efetiva mudança nas estruturas seria o deslocamento da ênfase no saber para a ênfase na ação popular, culturalmente rica e subjetivamente trabalhada. E a melhor maneira da universidade contribuir neste processo seria a intensificação da extensão e da pesquisa-ação, formas de atuação direta junto com as populações<sup>19</sup>.

A literatura aponta que ações extensionistas em quilombos representam o ponto de partida para estudantes e docentes imergirem na realidade social<sup>2</sup>, por meio de uma construção participativa e compartilhada<sup>3,4</sup>, experimentando seus processos dinâmicos e complexos, suas dores e alegrias, e estabelecendo um diálogo com os protagonistas da realidade<sup>2,8,20</sup>. Ademais, projetos de extensão com esses grupos podem ser uma estratégia no sentido de aproximação à diversidade cultural e social da população brasileira<sup>2</sup>.

Diante de uma lacuna institucional na Escola Bahiana de atuação com estes grupos populacionais, surge em 2019 o Programa de Extensão Bahiana em Defesa da Vida fruto de uma articulação com a Associação de Remanescentes do Quilombo Rio dos Macacos. Estima-se que haja 140 famílias com vinculação à terra cuja problemática local revela violação de direitos humanos básicos e comprometimento do desenvolvimento humano em suas múltiplas expressões<sup>12</sup>.

### **3.3 Formação médica tradicional e desafios para novos caminhos**

Há uma intensa transformação no campo da formação em saúde, impulsionada pela implementação e expansão do Sistema Único de Saúde (SUS)<sup>21</sup> e das modificações na complexa dinâmica da saúde Brasileira<sup>22</sup>. No que tange a formação médica, tais modificações são ainda mais relevantes, uma vez que há uma forte tradição biologista dos conteúdos<sup>3</sup>, associado a super valorização das disciplinas técnicas em relação as humanísticas.

Esse perfil de formação médica tradicional tem como base currículos extremamente compartimentalizados, com muitas disciplinas de bases biológicas e técnicas médicas, ancoradas no modelo biomédico flexneriano<sup>23</sup>, que privilegiam a doença em detrimento do olhar integral diante das demandas e necessidades das pessoas. Tais processos formativos negam a determinação social da doença<sup>10,23,24</sup>, individualizam e culpam os sujeitos pelo seus adoecimentos<sup>23</sup>.

Na contramão dessa estruturação social e acadêmica, há sinais de rompimento com tal modelo de currículo médico<sup>3</sup>, como a implementação de metodologias que privilegiam a participação ativa do estudante em múltiplos cenários de prática<sup>7</sup>, que integram o conhecimento entre os ciclos básicos e clínicos e que incluem a dimensão ética e humanística na formação<sup>10</sup>.

Atrelado a isso, temos o incentivo a participação em atividades complementares de natureza extensionista, bem como o estímulo do Ministério da Educação no processo de curricularização da extensão na matriz, imbricada, sobretudo, com o eixo ensino do tripé universitário<sup>25,26</sup>. Entende-se que a participação de estudantes de Medicina em atividades extensionistas ampliam seu conhecimento de mundo<sup>3</sup>, promovem múltiplas experiências, trocas culturais e intercâmbio com outras áreas de conhecimento<sup>1,3</sup>, bem como possibilita o contato direto com comunidades em situação de vulnerabilidade social e que têm suas demandas sociais e de saúde invisibilizadas pelos currículos médicos<sup>6</sup>.

Nessa perspectiva, a consolidação de uma nova formação perpassa por transpor as barreiras disciplinares<sup>2,3</sup> e pela inserção desses estudantes, desde o início da graduação, em cenários em que os cuidados em saúde vão além da manutenção do equilíbrio biológico<sup>27</sup>.

O egresso do curso de Medicina precisa ter como competência a “compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, nos níveis individuais e coletivo, do processo saúde doença”<sup>7</sup>, para tanto é imprescindível que durante todo o percurso formativo tenha contato com diversos contextos sociais<sup>2,8</sup>, com diferentes formas de vivenciar a saúde e a doença, sendo a extensão um enriquecedor espaço para tal empreitada<sup>8,27</sup>.

No bojo dessas novas possibilidades, alunos e alunas de Medicina que participam de projetos extensionistas, que desenvolvem suas ações em comunidades em situação de vulnerabilidade social<sup>2,6,8</sup>, como os quilombos, têm a oportunidade de estabelecer uma atuação dialética e benéfica sobre a realidade social, associando ao processo de trabalho teoria e prática, externando um conhecimento novo, cuja produção e aplicabilidade é coletiva, crítica, empática e humana<sup>5, 27</sup>.

## **4. MATERIAIS E MÉTODOS**

### **4.1 Desenho do Estudo**

Trata-se de um estudo de caráter descritivo exploratório com abordagem qualitativa.

### **4.2 Local e período do estudo**

A pesquisa foi realizada na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, tendo como período de sua realização agosto de 2022 até outubro de 2023.

### **4.3 População e amostra do estudo**

A investigação foi realizada com estudantes e egressa do curso de Medicina que participaram integralmente (período de dois semestres) como extensionistas do Programa Bahiana em Defesa da Vida. A amostra de conveniência foi definida pela saturação de dados, com a participação de 11 estudantes.

Critérios de inclusão: discentes que participaram do Programa de Extensão Bahiana em Defesa da Vida (PBDV) de 2019 até 2022.2, com a permanência mínima de 1 (um) ano.

Critérios de exclusão: extensionistas que estiveram presencialmente no Quilombo Rio dos Macacos menos de duas vezes.

### **4.4 Coleta de dados**

Os pesquisadores são membros do Programa de Extensão Bahiana em Defesa da Vida e têm acesso a lista de estudantes que foram extensionistas no período selecionado pela pesquisa. A partir disso, foi enviado, por e-mail, uma carta convite a/ao extensionista que se encaixava no critério de inclusão e de forma conjunta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi agendada uma entrevista com as estudantes que demonstraram interesse em participar da pesquisa, por meio da plataforma ZOOM, de acordo com dia e horário da preferência da estudante. As entrevistas foram gravadas e após o término armazenadas em computador próprio, protegido por senha e de acesso restrito a pesquisadora. A plataforma ZOOM é segura, garantindo a confidencialidade e a privacidade das informações compartilhadas. Ao iniciar a entrevista, foi questionado se havia dúvidas sobre o TCLE e foram elucidadas as eventuais incertezas. Foi questionado

ao entrevistado ou entrevistada se concordava em participar da pesquisa e, após anuência, com resposta gravada o processo teve sequência.

A entrevista foi realizada por um roteiro semiestruturados, composto por 3 blocos, a saber: 1) Aspectos sociodemográficos; 2) Formação acadêmica; 3) Extensão universitária.( APÊNDICE A)

#### **4.5 Análise dos dados**

A análise de dados ocorreu por meio da análise de conteúdo de Bardin<sup>28</sup> a qual consiste em reconhecer os núcleos de sentido que estruturam a fala do sujeito, e se operacionaliza em três etapas: pré análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e; interpretação a partir da categorização do conteúdo.

#### **4.6 Aspectos éticos**

Esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa ( CEP) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, sendo aprovado com o CAAE 66826723.0.0000.5544 e parecer de nº 5.972.760. ( ANEXO A)

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as entrevistas e sistematização dos dados, obteve-se uma amostra de 11 estudantes, sendo 9 mulheres e 2 homens, todos cis gêneros, com idades entre 21 e 33 anos. A totalidade das discentes já haviam participado de atividades extracurriculares e 3 possuíam graduação prévia em instituição pública, conforme descrito no quadro 1.

**Quadro 1- Caracterização sociodemográfica das extensionistas participantes da pesquisa (n=11).**

Ident.	Sexo/ gênero	Idade	Raça/ cor	Graduação prévia	Natureza da instituição	Semestre cursado em 2023.1
E1	Feminino/ cisgênero	22	Branco	Não	Não aplica	7º
E2	Masculino/ cisgênero	23	Preto	Não	Não aplica	10º
E3	Feminino/ cisgênero	21	Parda	Não	Não aplica	7º
E4	Feminino/ cisgênero	23	Preta	Não	Não aplica	6º
E5	Feminino/ cisgênero	25	Branca	Não	Não aplica	Graduada
E6	Feminino/ cisgênero	21	Parda	Não	Não aplica	7º
E7	Masculino/ cisgênero	21	Branca	Não	Não aplica	9º
E8	Feminino/ cisgênero	32	Branca	Sim	Pública	6º
E9	Feminino/ cisgênero	32	Branca	Sim	Pública	10º



<b>E10</b>	Feminino/ cisgênero	24	Branca	Não	Não aplica	se 6º
<b>E11</b>	Feminino/ cisgênero	33	Branca	Sim	Pública	10º

Foram definidas 6 categorias relacionadas as experiências compartilhadas pelas entrevistadas, quais sejam:

### **5.1 Sentido da escolha pelo Programa de Extensão Bahiana em Defesa da Vida.**

A extensão, como prática pedagógica e acadêmica, favorece o intercâmbio entre a universidade e a sociedade ao permitir que uma parcela estudantil possa se inserir em projetos comunitários, suscitando uma formação mais ampla e crítica<sup>1</sup>. Percebe-se nas falas das estudantes vontade de ocupar espaços que dialoguem com a realidade social.

Por reconhecer que esses projetos de extensão de atuação com a comunidade é que fazem a gente entrar na realidade social que a gente vive (E1)

Eu tinha interesse em participar de projetos fora da faculdade, atender algumas comunidades invisibilizadas do Estado, a proposta era atender outras comunidades vulneráveis, além do Quilombo Rio dos Macacos. (E5)

Somado a isso, tiveram relatos de proximidade ancestral como motivo para escolha deste programa de extensão.

A partir desse interesse em poder estar envolvido, com comunidades que dizem respeito, sobretudo a minha ancestralidade. Eu decidi por participar da fundação do Programa Bahiana em Defesa da Vida. Tem algumas vivências que, independentemente, do contexto em que você está inserido, acabam conversando assim, sabe? entre si. (E2)

Dentre as extensões da faculdade, o Bahiana em Defesa da vida foi o que mais me chamou a atenção. Assim, eu acho que rola também uma questão de identificação mesmo, né? Apesar de ser situações e contextos de vida muito diferentes. (E4)

No curso de Medicina da Bahiana, as matérias de saúde coletiva são concentradas nos primeiros semestres e esse contato, associado ao fato de professores da disciplina estarem envolvidos com a extensão, também foram apontados como motivação para participarem do PBDV.

Quando entrei na faculdade, Pedro\* foi meu professor de saúde coletiva, eu me identifiquei já com ele, ele dá a opinião dele sobre as coisas. Ele é uma pessoa que é muito ativa, ele fazia propaganda assim, né, do Bahiana em Defesa da Vida. (...) eu falei, pô, ia ser uma oportunidade muito bacana de eu fazer uma coisa que não necessariamente é, tipo assim, estágio em um hospital, sabe? (E1)

Sempre tive muita afinidade com saúde coletiva e a extensão conversa muito com esse lado de saúde coletiva. Acho que mais por isso, assim eu queria muito esse contato. Mesmo com a comunidade. Queria muito saber quais eram as demandas e de que forma eu poderia, tipo auxiliar, né? (E4)

E aí quando eu vi professor Paulo\* divulgando sobre o programa Bahiana em Defesa da Vida, que era para trabalhar em comunidades, eu pensei, eu quero estar de novo na casa das pessoas fazendo visita, conhecendo *in loco* mesmo a realidade de cada um. (E11)

Alicerçado na liberdade de escolha das estudantes em participarem de projetos de extensão com caráter popular, reforça-se a ideia da busca, de forma coletiva, por novos valores, na tentativa de transformação da sociedade<sup>4,16</sup>. Complementa-se a essa percepção, o fato das atividades coletivas e de cunho social fomentarem benefícios diretos no aprendizado, na superação de si mesmo, redimensionamento do cotidiano, assim como na possibilidade de lançar mão dos conhecimentos adquiridos durante a graduação e na criação de vínculos com a comunidade<sup>2,25,29</sup>.

Ademais, as atividades desenvolvidas pela extensão universitária têm um importante papel na vida acadêmica, uma vez que são projetos que potencializam a participação ativa das extensionistas, possibilitando experiências em contextos reais, suscitando reflexões sobre os desafios encontrados, propiciando o desenvolvimento de habilidades atitudinais de caráter resolutivo<sup>2,14,29</sup>.

## 5.2 Participação em espaços formativos

O plano político pedagógico do PBDV aponta como um dos seus objetivos a formação crítica e propositiva, em favor de uma sociedade mais justa e igualitária<sup>11</sup>. Nessa direção, são propostas discussões sobre temas transversais ao fazer extensionista como as políticas nacionais que direcionam os cuidados em saúde da população negra, do campo, da floresta e das águas, educação popular, racismo, gênero e saúde, entre outros.

---

\* Os nomes originais foram substituídos por nomes fictícios para garantir o sigilo.

[...] apresentações de vários artigos falando sobre o papel e a necessidade da extensão universitária. Tive artigos que discutiam a questão de gênero e raça. A questão das deficiências no sistema de saúde. Como isso afeta a população de classe baixa e a população negra, neh? (E1)

A gente tinha as reuniões quarta-feira, e aí de 15 em 15 mais ou menos, a gente tinha essas reuniões formativas, né? E aí, geralmente era um texto, um artigo, um vídeo que a gente assistia, algum extensionista apresenta o tema e depois discutíamos. (E3)

[...] a gente tentava trazer artigos que tivessem recortes, né, populacionais, assim, mulheres, negros, idosos, populações mais marginalizadas no geral. A gente estudava esses artigos e fazia a discussão. Além dos planejamentos. (E10)

A importância dessas discussões é destacada pelas estudantes, que frisam, inclusive, a ausência desses temas ao longo da formação.

Sobre essa questão de determinantes em saúde, a gente tem uma breve introdução, assim no componente de saúde coletiva, mas fora isso não vivenciei nas minhas atividades curriculares. (E1)

A política nacional da população negra eu já tinha visto em saúde coletiva, mas assim tiveram outras questões, outras abordagens e que os professores trouxeram durante a extensão que eu não tinha visto antes na graduação e que com certeza me trouxe mais conhecimento. Foi muito importante, né? Para saber lidar com essas questões, quando eu for uma profissional.(E4)

Em consonância com as falas, entende-se a necessidade de acessar um conhecimento que não é priorizado e tão pouco valorizado pela formação técnica acadêmica, ao preferir o aprofundamento teórico-reflexivo sobre a diversidade cultura, social e política do povo brasileiro, dando ênfase aos temas centrados na aquisição de habilidades e competências técnicas<sup>19,20</sup>.

Ressalta-se que existe uma condição necessária para a realização e mobilização de projetos extensão que visam mudanças na estrutura social de desigualdades. Nesse particular, é imprescindível que se tenha uma reflexão teórica profunda de como as problemáticas sociais são geradas, conhecer as suas causas e suas bases de sustentação<sup>19,30</sup>.

Muitos desses temas eu não tinha conhecimento e ter conhecimento sobre eles me dá propriedade maior para falar sobre eles, defender eles, defender os ideais que eu já tinha dentro de mim. (E7)

São assuntos importantes que se não fosse, talvez, a extensão e essas matérias de saúde coletiva esses assuntos não aconteceriam na faculdade. (E10)

A graduação em Medicina é marcada por um processo de disputa de conteúdos e narrativas<sup>6,31</sup>. Os componentes de cunho clínico e assistencial detêm hegemonia na matriz curricular e tendem a enquadrar a comunidade acadêmica na perspectiva biomédica criando uma cisão entre a vida social e a vida universitária<sup>2,8</sup>.

Nosso estudo é político. Quem decide nossa grade? O que a gente vai estudar também é uma decisão política, então todas essas questões que envolvem o que a gente está vivenciando enquanto estudante é política e o Bahiana em defesa da vida me proporcionou isso. Estudar o território negro, de resistência negra e entender essa temática de forma mais aprofundada dentro dos parâmetros do racismo ambiental e dos determinantes de saúde. (E5)

Os espaços formativos são alavancas propulsoras da reflexão e produção de conhecimento, viabilizando questionamentos e elaborações teóricas a respeito do contexto histórico-sociocultural, fomentando um desenvolvimento intelectual crítico e comprometido com as necessidades da população<sup>20</sup>. A oferta de programas de extensão de natureza popular, que se apresentam como contrapontos e encorajam espaços formativos sensíveis a problemática social, são essenciais para oxigenar e retroalimentar as instituições de ensino<sup>4,32,33</sup>.

### **5.3 Interdisciplinaridade**

A interdisciplinaridade é uma potente estratégia no fomento de práticas de saúde que vislumbram o cuidado integral do indivíduo. Sendo necessária não apenas na atuação profissional, mas também na formação em saúde<sup>34</sup>. As falas abaixo reforçam a relevância de ações interdisciplinares durante o percurso acadêmico.

A gente teve contato também com pessoas da Fisioterapia, da Psicologia, que davam essa visão mais ampliada do que é saúde. E a gente só tem contato com áreas interdisciplinares em uma matéria no curso inteiro que é o Programa Interdisciplinar em Saúde (PIS) (E1)

O curso de Medicina é um curso que é muito fechado, muito fechado. É um curso que é quase inacessível. É um curso que a gente não consegue interagir da maneira como deveria ser com as outras categorias profissionais. (E2)

O trabalho em grupo é fundamental e implica na busca por uma comunicação efetiva, a fim de se obter troca de experiências e conhecimentos entre os diferentes sujeitos, visando a construção de consensos e acordos, mesmo que provisórios<sup>34</sup>. Dessa maneira, o lugar social e educativo da interdisciplinaridade deve ser determinado pelo respeito, a partir da valorização do saber do outro e pela escuta.

A vivência do trabalho coletivo e interdisciplinar foi considerada uma atividade expressiva, pois aprender a atuar e produzir em equipe aprimora várias habilidades e atitudes consideradas importantes para a prática em saúde, como a cooperação e o compartilhamento de saberes. A inter-relação com as equipes existentes nas comunidades é apontada como uma prática positiva para a promoção da saúde<sup>35</sup>.

Porque na realidade a gente trabalha em serviços de saúde, a gente vai trabalhar com outras categorias profissionais, mas como é que a gente vai trabalhar com outras categorias profissionais e na nossa formação a gente não foi preparado para isso. (E2)

Era muito legal trocar ideia com elas, porque a gente via a perspectiva do que é que outros profissionais de saúde atuam. A gente vê que a gente não tem como trabalhar só, tipo, então precisa, das outras áreas e a gente trocava muita ideia sobre coisas diversas, isso era muito bom. (E10)

A participação em projetos de extensão pode despontar novos caminhos e possibilidades, na medida em que há uma vivência na interação com outras áreas de formação e outros pontos de vistas, o que fortalece espaços de organização dialógica, inclusivos e problematizador de aprendizagens<sup>30</sup>.

Então eu acho que o contato com os outros cursos traz um enriquecimento ainda maior, porque cada um traz um pouquinho da sua área de formação e construímos juntos, compartilhando, trocando. (E8)

Vale salientar, que a proposta da interdisciplinaridade na extensão popular tenta se distanciar da ideia, muitas vezes equivocada dos profissionais e estudantes, de que a presença de diversas áreas de conhecimento em um mesmo espaço já caracteriza a interdisciplinaridade, tal prática é mais condizente com uma atuação multidisciplinar<sup>34</sup>. A interdisciplinaridade ultrapassa esse conceito, ela abrange a compreensão de um trabalho coletivo, integral, dialógico, compartilhado, proporcionando um olhar mais ampliado sobre a realidade de cada indivíduo ou grupo<sup>4,10</sup>.

## 5.4 Importância da Extensão Popular

A Extensão Popular (EP) é um espaço privilegiado de contato e imersão com o território, no qual é possível estreitar relações entre estudantes e comunidade, a fim de interagir, compartilhar experiências, pensar e intervir coletivamente. Essa vivência dialoga com o conceito de Educação Popular Saúde (EPS), “que se configura como um jeito de estar no mundo, de pautar as relações humanas e sociais, de conduzir o processo educativo/trabalho”<sup>36</sup> que em sua essência tem um potencial inquietante e transformador, como demonstrado pelas entrevistadas.

Construir junto é muito diferente, então eu sinto que o Bahiana me trouxe uma visão de mecanismos e ferramentas que podem me ajudar a construir de forma coletiva, com quem quer seja e respeitar a autonomia das pessoas (E8)

Percebe-se que a EPS tem como seu objetivo primaz a mudança, o diálogo de saberes e a análise crítica da realidade como alicerces indispensáveis para intervenções prioritariamente orientadas pelos interesses e anseios dos setores populares<sup>36</sup>, a fim de transformar as condições objetivas de “desconforto, dor e opressão que incomodam esses grupos, a luz de garantir o pleno exercício da cidadania”<sup>33</sup>. Nesse sentido, torna-se indispensável a necessidade de se desenvolver relações sociais que sejam efetivadas por meio da ajuda mútua e da comunicação<sup>14</sup>.

Não se trata mais de estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática<sup>1</sup>.

Além disso, a extensão popular proporciona aos extensionistas a experiência de lidar com as emoções inerentes ao contato com a realidade diferente, o que reflete em uma atitude mais sensível a condição do outro<sup>14,29</sup>, ultrapassando, assim, o sentido de valorização e conscientização da cultura popular, para “assumir um prática mais radical”<sup>36</sup> que se coloca à disposição de construir outros processos sociais e educativos.

A extensão pautada pela realidade e expressando desejos de mudanças pode ser entendida como um trabalho social<sup>33</sup>. Dessa forma, a inserção de extensionistas em um quilombo, território de vasta riqueza histórica, cultural e psicossocial, permite vivenciar,

presencialmente, a cultura, as questões políticas e sociais, as dificuldades e as dores que tangem essa população<sup>19</sup>.

A troca com as pessoas que moram lá é muito importante, você ouvir aquela pessoa, entender o que ela está passando, validar os sentimentos e conhecimentos que ela tem. Ela te ensinando coisas, você ensinando coisas para ela e ter essa troca contínua. E você também, você ouvir as experiências dela, saber como ela lida com os problemas e desafios de viver naquele território. (E1)

Dessa forma, pensar em EP constitui a possibilidade de construir outras relações humanas e sociais, incluindo uma intencionalidade e novas abordagens para uma ação profissional que se distancia radicalmente das vivenciadas atualmente, as quais são dominadas pela lógica e pelo comportamento não humanizante<sup>33,36</sup>.

Dentro do território a gente consegue perceber as reais necessidades daquela população, entender que uma coisa é conversar com um morador e com o líder comunitário, tipo, fora do território. E (pausa) ali dentro a gente consegue realmente ver como é que eles vivem, o que eles realmente precisam. (E9)

As falas ventilam que o conhecimento deve ser posto em favor da melhoria da sociedade, o que não ocorrerá se os indivíduos em formação ficarem reclusos as salas de aulas e a exposição de conteúdos formais. É ingênuo esperar que, após a conclusão do curso, esses profissionais exerçam sua cidadania e compromisso social<sup>4,25</sup>. A práxis é determinada pela realidade social e está fortemente imbricada com os aspectos sociais, econômicos, políticos e demográficos e, de forma transversal, tem-se as particularidades, crenças, valores culturais, pensamentos, normas e comportamentos.

Porque a extensão é exatamente essa aproximação da teoria com a realidade, é essa vivência, então é muito importante que a gente saia do que a gente vê em aula teórica, às vezes até em aula prática, mesmo assim é diferente a gente ver aquilo que está sendo realmente aplicado, porque tem uma grande diferença entre o que a gente aprende, o que realmente acontece na vida real. Então acho que a extensão traz isso, essa vivência de realidade. (E8)

Permite ir extra muro, porque não adianta a gente trabalhar a saúde pública, atenção primária dentro de uma sala de aula, com um professor, com livros sentada na cadeira, a gente tem que ir para loco trabalhar em loco com os pacientes, entender a realidade socioeconômica, saúde mental, a saúde financeira. (E10)

Dessa maneira, suscita-se a compreensão de que é dentro da realidade que o estudante de Medicina deve experienciar as suas diversas implicações sociocomportamentais.

Entende-se, pois, que daí emerge um espaço de reflexão crítica, dialógico e que estimule a construção compartilhada, dissolvendo a ideia enraizada de sobreposição de saberes<sup>21</sup>.

O processo de libertação não é obra de uma só pessoa ou grupo, mas sim de todos. Portanto, é necessário saber olhar, agir e refletir sobre as ações, unindo a prática a teoria, pois somente conhecendo a realidade será possível se reconhecer nela, entendendo o papel de sujeito da história<sup>33</sup>.

No que diz respeito as ações voltadas para promoção à saúde, a atividade extensionista destaca-se por sua característica integradora. O conhecimento levado à comunidade também é permeado pelos saberes locais ou populares<sup>2</sup>. A permuta de conhecimentos amplifica os saberes prévios e produz algo novo com potencial para propiciar a reformulação de conceitos, uma aprendizagem significativa sobre o processo saúde-doença e contribuir com o aumento da adesão às práticas em saúde<sup>9,35,37</sup>.

### **5.5 Competências adquiridas na Extensão Popular**

Destaca-se competência como uma abordagem dialógica e que reconhece e considera a história das pessoas e das sociedades nos seus processos de reprodução e/ou de transformação dos saberes e valores. Suscitando, dessa forma, um processo mais aberto, com a exposição de diversas concepções, interesses, valores e ideologias que invariavelmente atravessam a intencionalidade dos processos educativos<sup>35</sup>. De forma complementar, a competência é o conjunto de conhecimentos, habilidade e atitudes.

Entende-se que a extensão pode potencializar habilidades a fim de desenvolver competências individuais, uma vez que as estudantes são corresponsáveis pelas atividades e ações realizadas no território, bem como a condução das discussões das reuniões formativas.

Planejar, tipo, assim, a gente fazia ata de reunião, então a gente era muito organizado nesse sentido. A gente fazia planejamento desde o começo do semestre, dividia as tarefas no dia da visita. Pensávamos, tipo, o que iríamos fazer quando chegasse lá. (E4)

Acho que ao decorrer dessa interação eu aprendi técnicas de ter uma interação mais suave, ter ferramentas para poder incrementar a discussão. Eu sinto que eu enriqueci nisso, de quem sabe um dia, se eu tiver em um posto saber, poxa, tem essa dinâmica que eu fiz lá no Baiana em Defesa da Vida que eu posso fazer para poder engajar as pessoas, para poder discutir assuntos. (E8)



Aprimorar essa parte do relacionamento interpessoal, né? Com a relação médico paciente de forma muito mais humana. Perder aquele modelo mais mecanicista, mais de seguir aquelas perguntinhas da anamnese de forma rígida. (E11)

É possível inferir que a inserção discente na comunidade permite que seja exposto a complexidade social, desenvolvendo a capacidade de um saber agir responsável, mobilizador e fruto da constante interação entre as pessoas<sup>38</sup>. Esta imersão promove o rompimento do conhecimento encapsulado na teoria e permite que emergja uma inteligência prática para a resolução de situações<sup>2,32,35</sup>. Ademais, amplia as condições de possibilidade para uma reflexão crítica-constructiva, autônoma, coletiva e com participação ativa dos indivíduos nos processos de produção de saúde<sup>2,39</sup>.

Outro aspecto apontado foi a incorporação da habilidade de comunicação que abrange aspectos relativos “à humanização, respeito e empatia, exercidos juntamente com os aspectos técnicos da formação”<sup>7</sup>, ciente de seu papel social na comunidade na qual está inserido e compreendendo que o conhecimento técnico não é suficiente para uma boa assistência.

Na extensão a gente aprende muito a se comunicar, porque o que acontece, a gente está ali numa posição em que as mínimas coisas que a gente fala, pode gerar uma impressão completamente errada e pode nos afastar mais ainda da comunidade ou pode nos aproximar. Então eu acho que é a habilidade de comunicação, principalmente de comunicação transcultural. Porque eu no quilombo aprendi a trazer as ideias de maneira mais clara na comunicação, de maneira que as pessoas conseguissem, de fato, entender a ideia do que estava sendo comunicado sem segundas intenções. (E2).

O entendimento do projeto de extensão como espaço de troca e, sobretudo, construção de saberes só foi possível por causa do estímulo ao protagonismo das extensionistas<sup>39</sup>.

Acho que a comunicação foi uma habilidade que melhorei lá, neh? A gente precisa se comunicar com a comunidade e depois com os jovens. Saber o momento de falar e o de só escutar. Acho que melhorei a minha habilidade em relação à escuta mesmo, que é uma coisa tipo que é essencial na Medicina. (E7)

Ainda atrelado a aquisição de habilidades, percebe-se o aprimoramento na capacidade de execução de técnicas e procedimentos<sup>20</sup>, além de fortalecer a autonomia das estudantes<sup>1,7</sup>

Eu, enquanto estudante, estou ali participando da organização, dessa vivência, e aí eu preciso agora pensar em como é que eu vou, na louca?

Para cada uma das pessoas que estão envolvidas na vivência, como eu vou fazer a divisão de tempo daquelas pessoas? Como é que eu vou definir? É o número de pessoas que eu vou ter em cada momento, em cada dia daquela vivência. A gente teve um processo de racionalizar o nosso tempo, o nosso aproveitamento no território, que foi muito grande. Isso teve uma repercussão muito significativa para mim enquanto estudante, porque é o que eu lido na prática. Sabe quando a gente vai assim? Principalmente agora no internato, em que a gente está rodando nos serviços de saúde. (E7)

### **5.6 Ampliação da ideia do cuidado em saúde: impactos na formação**

A extensão universitária é uma atividade capaz de imprimir novas experiências durante a formação acadêmica, constituindo-se em um espaço metodologicamente amplo para repensar práticas em saúde e ampliar o olhar sobre o cuidado<sup>34</sup>. De tal maneira que as estudantes referem que a participação na extensão possibilitou “saírem da bolha em que viviam” e complementam com as afirmações destacadas abaixo.

Até no jeito de lidar com o paciente, a empatia que a gente deve ter, o cuidado que a gente deve até no pensamento de estratégias terapêuticas para aquele paciente. Tudo isso perpassa por você conhecer, ter uma noção daquela realidade. E eu acho que isso falta muito no curso de Medicina. Eu acho que trouxe para mim um olhar mais humano e mais social. É de entender, é a realidade do nosso país. (E1)

A extensão universitária proporciona à grade curricular de ensino um local para experiências que dão um caráter humanizado ao profissional da saúde. Ela é imprescindível na formação, pois permite a ampliação dos horizontes, gera sentido e implicação<sup>19</sup>.

Quando a gente viu que essa população tinha toda essa realidade e ainda assim não existiam mecanismos políticos, mecanismos para tentar mitigar aquela situação. Foi aí que a gente pensou. Poxa, é importante talvez a gente enquanto universidade, que esteve no território durante esse período, tentar fazer algo, tentar ajudar de alguma forma a partir dessa realidade que a gente se deparou e não apenas ficar de braços cruzados e deixar aquela realidade passar, como se aquilo não afetasse a gente. (E2)

Vale salientar que o objetivo final na formação em Medicina não deve ser apenas aquisição do conhecimento técnico, mas também a compreensão que o exercício da sua profissão se dará em um contexto social localizado, portanto, sua inserção é política e

deve ter uma perspectiva inclusiva, a fim de garantir acesso dos diversos segmentos sociais aos cuidados em saúde<sup>14</sup>, bem como permitir a estudante se “reconhecer como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social”<sup>1</sup>.

Mais do que expor o aluno ao objeto da técnica em si, esse modelo deverá expô-lo ao objeto relacional que se constitui com o usuário, na micropolítica do cuidado, em uma situação que lhe permita o reconhecimento de sua situação singular e a capacidade de dialogar e agir tecnologicamente com a complexidade social em que ambos se encontram<sup>31</sup>.

A extensão universitária figura no lugar de uma potente ferramenta integradora dos mais diferentes campos de saberes e práticas humanas. Estabelecendo uma profícua relação entre o saber científico e o popular, concretizada pelos acadêmicos, evidenciando a centralidade da construção coletiva e do conhecimento partilhado<sup>2,6,8</sup>. A interação com os setores populares, proporciona experiências e saberes múltiplos, por meio de uma “polissemia, corrobora para a produção do novo, “a partir das vivências do fazer cotidiano dos sujeitos, valorizando a pluralidade de cada indivíduo<sup>30,37</sup>.

Hoje eu preciso olhar para outras áreas. Eu não posso focar a minha formação em determinada vertente, porque isso não é o mundo. (...) eu preciso incrementar a minha formação com certas coisas e uma delas é a saúde da população negra para minha vivência prática médica no futuro. Eu espero que eu seja uma médica inclusiva e não excludente, então é o Bahiana que me traz essa revolta, né? Esse borbulhamento das questões sociais para você tentar ser diferente. (E8)

Percebe-se que a participação em projetos de extensão popular vai ao encontro do que é preconizado nas Diretrizes Nacionais para os Cursos de graduação em Medicina, a qual se enfatiza que a egressa do curso precisa ter uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, sendo capaz de atuar nos processos de saúde/doença, nos diferentes níveis de atenção, abarcando ações que englobem a promoção, prevenção e recuperação à saúde, atrelado ao senso de responsabilidade social e cidadã, entendendo o seu papel de promotora da saúde de forma integral<sup>14,20,32</sup>.

O cuidado integral, completo mesmo, sabe? Tipo, é integral e longitudinal, que eu acho que programas de extensão te possibilitam repensar isso assim, de certa forma e não só a medicalização, aquele cuidado, naquele momento e ponto (E9)

A influência que a forma como as pessoas vivem e se relacionam tem no contexto de saúde delas (E10)

Essa percepção de entender que eu vou lidar com o paciente, que vai ser preto, pobre, que vai vir de uma realidade totalmente diferente de um que não seja preto, né? Que não tenha sofrido nenhum tipo de racismo, então essa percepção o Bahiana me trouxe. Entender meu paciente com todos os sofrimentos que ele pode ter. (E11)

Os currículos dos cursos de Medicina, na sua grande maioria, ainda são centrados na tríade examinar, diagnosticar e tratar, reforçando o paradigma biologista e mecânico do cuidado em saúde. O desafio das escolas médicas é romper com esse modelo de formação que desumaniza o indivíduo durante o curso<sup>32</sup>. A participação na extensão popular atravessa o processo formativo por meio de um engajamento político e social dos futuros profissionais, há uma imersão no contexto de vida de determinada população, o que produz experiências e reflexões que ultrapassam esse modelo de cuidado, como é evidenciado pela fala das entrevistadas abaixo:

Uma abertura de olhar, uma criticidade, que eu desenvolvi que isso eu acho que só a extensão teve a capacidade de proporcionar porque nenhum outro ambiente ou matéria da faculdade iria conseguir me tirar dos muros da faculdade para ir vivenciar de maneira tão intensa como a gente faz no Bahiana e no Rio dos Macacos. (E1)

Quando a gente tá lá no território, a gente aprende sobre coisas que não estão só relacionadas às questões de saúde, porque quando a gente está imerso, a gente pensa, poxa, como é que a saúde está organizada naquele território? Como é que a gestão em saúde está sendo estruturada e pensada para considerar aquela população, quais são os serviços de saúde que aquela população consegue acessar? Tudo isso está relacionado à gestão, porque é justamente a gestão que deve e tem esse papel de perceber a população que está ali adscrita e pensar em quais são as possibilidades de acesso à saúde que aquela população tem. (E2)

Você precisar entender o contexto social, saber como até conversar e abordar determinados temas com o paciente. (E11)

Um aspecto considerado relevante na prática da ação comunitária é a oportunidade de perceber o outro, suas concepções e perspectivas. Na proposta da integralidade da assistência, o principal desafio do profissional é a capacidade de identificar e delimitar as reais necessidades de saúde e de cuidado. A percepção do outro e a escuta qualificada são fundamentais para o planejamento de ações efetivas que garantam qualidade, humanização na assistência e valorização dos sujeitos<sup>2,8,29</sup>.

A intervenção social não beneficia somente as comunidades populares, há também ganhos significativos para os profissionais das universidades. Sem idealismo, o trabalho de intervenção de caráter ético-reflexivo inspira

nossos pensamentos, aquece nosso coração e nos faz entrar em comunhão com nossos semelhantes. Dando um sentido impossível de alcançar nas atividades centralmente teóricas<sup>19</sup>.

Um fato que me marcou muito foi quando estávamos nos preparando para ir ao cinema e alguém lembrou aos jovens que precisavam levar o cartão de vacina e aí percebemos que a maioria não tinha tomado vacina. Mas ali não era o momento de julgar e sim pensar o contexto que eles viviam, há uma presença forte da igreja evangélica no território e a religião é uma forma de acalantar todo o sofrimento que eles passam. Entender isso já é um caminho para acessar essa discussão da importância da vacina de um lugar mais respeitoso e empático.(E6)

A partir da fala de uma extensionista, fica evidente o respeito e a tolerância oriundos do reconhecimento das especificidades relativas a hábitos, costumes e crenças originados de uma cultura diferente, mas não hierarquicamente inferior<sup>6,20</sup>. Para além disso, é perceptível que a inserção em um projeto de extensão popular oportuniza a aceitação das características culturais, políticas e religiosas das pessoas e dos grupos, fortalecendo um amadurecimento para além da moral vigente<sup>19</sup>.

Percebe-se que a extensão pode permitir as estudantes promoverem transformações reais para a sociedade<sup>3,4</sup>, através de atividades educativas, informativas e de ações sociais a partir das demandas e necessidades encontradas na imersão no território<sup>25,37</sup>. Rompe-se com a hierarquização do conhecimento científico<sup>1</sup>, para estabelecer uma relação dialógica, empática e respeitosa com a população.

A educação médica deve se voltar para as necessidades dos pacientes de populações culturalmente heterogêneas, e, para isso, é necessário estar imersos em projetos que sejam desenvolvidos com povos e comunidades tradicionais podendo ser a extensão universitária um desses espaços no caminho da formação de médicos mais conscientes das diferentes realidades socioeconômicas e culturais da população brasileira<sup>6</sup>.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de reflexões, experiências e concepções o presente estudo trouxe elementos importantes que destacam a potencialidade da extensão popular como espaço propulsor para uma formação crítica, reflexiva, responsável e comprometida com as reais necessidades da população. Contudo, ao ser desenvolvida, eminentemente, dentro de um território, o que particularmente a distingue da extensão tradicional, está sujeita a adversidades e atravessamentos do mundo real.

Nesse sentido, apesar da vivência extensionista ter ocorrido no mesmo quilombo os projetos e as ações variavam de acordo com a proposta alinhada com as lideranças em cada semestre. Esse fato possibilitou diferentes atividades, sentimentos e apreensões para cada discente.

As extensionistas, futuras profissionais da Medicina, por meio das falas, expuseram a relevância da participação em um projeto de extensão, de caráter popular, a fim de possibilitar uma atuação mais humanizada, empática, respeitosa e sobretudo, que valorize o lugar da escuta e das singularidades das pessoas e dos grupos. Somado a isso, evidenciou-se o fortalecimento de práticas de cuidado em saúde que, privilegiem a interdisciplinaridade e que, em última instância assegurem uma construção coletiva, cotidiana, crítica e consciente.

Entende-se, pois, a profícua colaboração do Bahiana em Defesa da vida ao viabilizar a imersão em um território quilombola, possibilitando conhecer e reconhecer as potencialidades e os desafios de uma população que historicamente teve os seus direitos lesados pelo Estado. Para além disso, O PBDV propiciou espaços de diálogos, trocas de saberes, formação teórica, problematização e protagonismo das estudantes, atrelado ao seu papel na luta antirracista e construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática.

Em suma, compreende-se a importância das reflexões e análises feitas nesse estudo, na medida que estas possam suscitar desdobramentos e avanços institucionais na discussão sobre extensão universitária, sobretudo de natureza popular, e contribuir com o processo de curricularização da extensão. Por fim, destaca-se que não houve um

recorte de raça e gênero no trabalho, o que se mostrou uma limitação relevante na investigação.

## REFERÊNCIAS

1. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão Das Universidades Públicas Brasileiras. 2012.
2. Rios DR da S, Caputo MC. Para Além da Formação Tradicional em Saúde: Experiência de Educação Popular em Saúde na Formação Médica TT - Beyond Traditional Health Training: Experience of Popular Education in Medical Training. Rev Bras Educ Med [Internet]. 2019;43(3):184–95. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022019000300184&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.br/pdf/rbem/v43n3/1981-5271-rbem-43-3-0184.pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022019000300184&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.br/pdf/rbem/v43n3/1981-5271-rbem-43-3-0184.pdf)
3. Gomes AP, Rego S. Paulo Freire : Contributions to the Changing Strategies for Teaching. Rev Bras Educ Med. 2014;38(3):299–307.
4. Gadotti M. Extensão Universitária: Para quê? Inst Paulo Freire [Internet]. 2017;1–18. Available from: [http://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extensão\\_Universitária\\_-\\_Moacir\\_Gadotti\\_fevereiro\\_2017.pdf](http://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extensão_Universitária_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf)
5. Fadel CB, Bordin D, Kuhn E, Martins LD. O impacto da extensão universitária. Interface Commun Heal Educ. 2013;17(47):937–46.
6. Luna WF, Nordi AB de A, Rached KS, Correia MBA, Carvalho ARV de, Morais LFD De. Estudantes de Medicina em Roda: os Diálogos da Extensão Popular com os Indígenas Potiguara. Rev Bras Educ Med. 2020;44(3).
7. Brasil M da educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina [Internet]. 2014 p. 14. Available from: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15874-rces003-14&category\\_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15874-rces003-14&category_slug=junho-2014-pdf&Itemid=30192)
8. Martins AC, Schlosser AR, Arruda RA de, Klein WW, Andrade BWB, Labat ALB, et al. Ensino médico e extensão em áreas Ribeirinhas da Amazônia TT - Medical teaching and community outreach in Amazonian Riverside areas. Rev Bras Educ Med [Internet]. 2013;37(4):566–72. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022013000400012&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n4/a12v37n4.pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022013000400012&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n4/a12v37n4.pdf)
9. Raimondi GA, Paulino DB, Mendes Neto J de P, Diniz LF, Rosa GF de C, Limirio Junior V, et al. Intersetorialidade e Educação Popular em Saúde: no SUS com as Escolas e nas Escolas com o SUS. Rev Bras Educ Med. 2018;42(2):73–8.
10. Teófilo TJS, dos Santos NLP, Baduy RS. Apostas de mudança na educação médica: Trajetórias de uma escola de medicina. Interface Commun Heal Educ. 2017;21(60):177–88.



11. Souza, TS; Santana, KSO; Rocha VP. Plano político pedagógico do Programa de Extensão Bahiana em Defesa da Vida. 2023;1–7.
12. PBDV. Programa de Extensão Bahiana em Defesa da Vida (PBDV). Relatório parcial com levantamento preliminar de necessidades dos moradores do Quilombo Rio dos Macacos. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador; 2020.
13. Maria R, Ribeiro C, Federal U, Maria R, E-mail CR, Estadual U, et al. As bases institucionais da Política de Extensão Universitária: entendendo as propostas de Universidades Federais nos planos de desenvolvimento institucional. *Rev Int Educ Super.* 2018;5:1–17.
14. Santos-Junior CF dos S. A extensão universitária e a formação médica: contribuições da experiência da participação no projeto Cananéia da UNIFESP. Universidade Federal de São Paulo; 2010.
15. BRASIL. Lei nº 13.005/2014 [Internet]. Brasília; 2014 p. 121. Available from: [http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas\\_tecnicas\\_pne\\_2011\\_2020.pdf](http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf)
16. Cruz P, Vasconcelos EM. Desvelando processos formativos das práticas extensionistas em Educação Popular na saúde. *Interagir pensando a extensão.* 2020;(27).
17. Mota AN, Maciel EDS, Quaresma FRP, de Araújo FA, Sousa LVDA, Junior HM, et al. A look at vulnerability: analysis of the lack of access to health care for quilombolas in Brazil. *J Hum Growth Dev.* 2021;31(2):302–9.
18. Schmitt A, Turatti MCM, Carvalho MCP de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambient Soc.* 2002;(10):129–36.
19. Mogilka M. Educação Popular, extensão universitária e metodologias da libertação. In: Souza, Ana Paula; Luz, Elba; Ávila, Izis; Ramos, Laiz; Leite R, editor. *Revista Extensão.* 15th ed. Cruz das Almas; 2019.
20. Kim M. Impacto das ações extensionistas na formação do graduando da área de saúde. Universidade de Santo Amaro/ SP; 2017.
21. Oliveira NA, Meirelles RMS, Cury GC, Alves LA. Mudanças curriculares no ensino médico brasileiro: um debate crucial no contexto do Promed. *Rev Bras Educ Med.* 2008;32(3):333–46.
22. Ribeiro GS. Problemas de Saúde da população Brasileira e seus determinantes. In: Paim, Jarnilson; Almeida-Filho N, editor. *Saúde Coletiva: teoria e prática.* Medbook. Rio de Janeiro; 2014. p. 97–119.
23. Filho NA. Reconhecer flexner: Inquérito sobre produção de mitos na educação médica no Brasil contemporâneo. *Cad Saude Publica.* 2010;26(12):2234–49.
24. Koifman L. A função da universidade e a formação médica. *Rev Bras Educ Med.* 2011;35(2):145–6.
25. UFRB. Pró-reitoria de Extensão. Guia da curricularização da extensão. 1º ed. Cruz das Almas; 2022. 32 p.

27. Ponte CIRV, Torres MAR, Machado CLB, Manfrói WC. A extensão universitária na Famed/UFRGS: cenário de formação profissional. *Rev Bras Educ Med.* 2009;33(4):527–34.
28. Catalina R, Caregnato A, Mutti R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso [Internet]. Vol. 15. 2006. p. 679–84. Available from: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>
29. Rios IC, Sirino CB. A Humanização no Ensino de Graduação em Medicina: o Olhar dos Estudantes. *Rev Bras Educ Med.* 2015;39(3):401–9.
30. Bernardo, KF; Carneiro PJS. Concepções e referenciais da educação popular : a sistematização de experiências de seus protagonistas na Paraíba. *Práxis e saber.* 2022;13(32):1–15.
31. Elias E, Gurgel G. Uma nova escola médica é possível ? Aprendendo com a CINAEM1 as possibilidades de construção de novos paradigmas para a formação em medicina. 2003;1(40):53–68.
32. Almeida SMV, Barbosa LMV. Curricularização da Extensão Universitária no Ensino Médico: o Encontro das Gerações para Humanização da Formação. *Rev Bras Educ Med.* 2019;43(1 suppl 1):672–80.
33. Falcão EF. Extensão Popular: Caminhos para emancipação. Universidade Federal da Paraíba; 2014.
34. Santos RNLC, Ribeiro KSQS, Anjos UU, Farias DN, Lucena EM. Integralidade e Interdisciplinaridade na Formação de Estudantes de Medicina. *Rev Bras Educ Med.* 2015;39(3):378–87.
35. Lima VV. Competência: distintas abordagens e implicações na formação de profissionais de saúde. *Interface - Comun Saúde, Educ.* 2005;9(17):369–79.
36. Cruz PJSC. Educação Popular: elementos conceituais e perspectivas na reorientação de práticas sociais e profissionais. In: Souza, Luciana Maria Pereira; Alencar, Islany Costa; Carvalho, Lucas Emmmanuel; Cruz PJSC, editor. *Educação Popular na Universidade: Reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular.* Volume 2. João Pessoa; 2017. p. 317.
37. Santana RR, Santana CC de AP, Costa Neto SB da, Oliveira ÊC de. Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. *Educ Real.* 2021;46(2):1–17.
38. Fleury MTL, Fleury A. Construindo o Conceito de Competência. *RAC.* 2001;67(12):1309–18.
39. Moimaz SAS, Bordin D, Gomes AM de P, Fadel CB, Garbin CAS, Saliba NA. Extensão universitária na ótica de acadêmicos: o agente fomentador das Diretrizes Curriculares Nacionais. *Rev da ABENO.* 2016;15(4):45–54.
40. Emicida, Principia, Rio de Janeiro: Laboratório Fantasma:2019. 6 minutos.

## APÊNDICE A

### Roteiro de perguntas

#### Bloco 1 - Aspectos sociodemográficos

1. Nome completo
2. Sexo
3. Gênero
4. Idade
5. Raça/ cor

#### Bloco 2 – Formação acadêmica

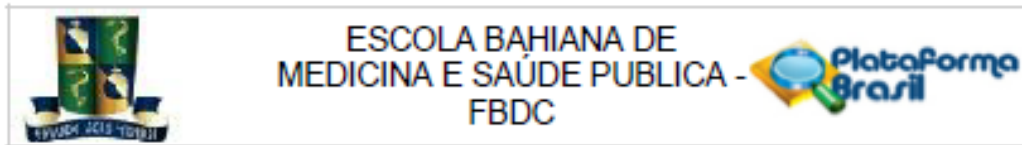
1. Graduação prévia
2. Natureza da instituição
3. Semestre do curso atual
4. Participação em atividades extracurriculares: Liga, atlética, outra extensão, grupo de pesquisa, outros.

#### Bloco 3 – Extensão Universitária

1. Período que participou da extensão PBDV
2. Número de visitas realizadas ao Quilombo Rio dos Macacos
3. O motivo da escolha pela participação no Programa extensionista Bahiana em defesa da Vida
4. No momento da participação no programa houve espaços formativos (discussão sobre determinantes sociais em saúde, saúde da população negra, comunidades em vulnerabilidade social...)
5. Importância da interação com alunos e alunas de outros cursos
6. Falar um pouco sobre a primeira visita ao território. O que mais te impactou?
7. A sua vivência individual te aproximava ou te afastava da realidade observada/ vivenciada no território?
8. Conte um pouco sobre as ações que você vivenciou no PBDV.
9. Você acredita que seus conhecimentos/ vivências sobre a saúde ampliaram depois das visitas ao território?

**10. Você acha que a participação no PBDV influenciará na sua prática como médico/ médica? De que forma?**

## ANEXO A – PARECER DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: NA CONTRAMÃO DA FORMAÇÃO MÉDICA TRADICIONAL

**Pesquisador:** Thiago Santos de Souza

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 66826723.0.0000.5544

**Instituição Proponente:** Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências - FUNDECI

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.972.760

#### Apresentação do Projeto:

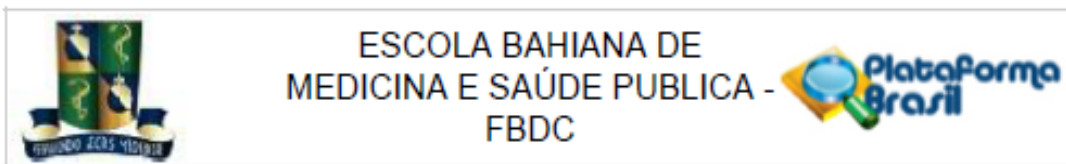
A extensão é apontada como "um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade". No campo da saúde, no que se refere a graduação em Medicina, a Indissociabilidade ensino-pesquisa -extensão, toma contornos extremamente relevantes, uma vez que se faz imperioso a formação de trabalhadores críticos, reflexivos e comprometidos com o mundo e com as pessoas. Sendo capazes de responder as "demandas sanitárias e sociais das populações"

#### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:** Avaliar as habilidades e competências adquiridas pelos extensionistas do curso de medicina no Programa Bahiana em Defesa da Vida.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

**Riscos:** Mobilização emocional e, caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e o(a) estudante será acolhido(a) pelos pesquisadores. Ainda há risco de vazamento das informações, porém os dados serão armazenados por um período de 5 anos em computador próprio, de acesso restrito dos pesquisadores e protegido por senha, não sendo armazenado, em hipótese alguma, na nuvem. Após esse prazo, os dados serão deletados definitivamente. Ademais, é garantido sigilo absoluto de informações que possam te identificar, para tanto seu nome será substituído por um



Continuação do Parecer: 5.972.760

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2064793.pdf	08/03/2023 12:06:59		Aceito
Outros	resposta_parecer.pdf	08/03/2023 12:05:47	CAMILA SANTOS FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	08/03/2023 12:03:32	CAMILA SANTOS FERREIRA	Aceito
Outros	carta_de_anuencia.pdf	18/01/2023 08:39:19	CAMILA SANTOS FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/01/2023 08:31:10	CAMILA SANTOS FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	camila_ferreira.pdf	18/01/2023 08:29:54	CAMILA SANTOS FERREIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 29 de Março de 2023

---

**Assinado por:**  
**Roseny Ferreira**  
**(Coordenador(a))**